

A HERANÇA ESPANHOLA

Extrato de *Afinidades não eletivas*¹

Sobre os noventa anos da Guerra Civil Espanhola

René Berthier

Muitas pessoas processaram a CNT de Espanha por não ter tido sucesso. Não há fim para a questão de saber se o fracasso do anarquismo espanhol se deve ou não à natureza intrínseca do anarquismo. Parece-me que uma análise do contexto internacional da época é essencial se quisermos fazer um balanço. O ciclo revolucionário que tinha começado com o fim da Primeira Guerra Mundial e a revolução russa, que continuou com a revolução alemã, o movimento dos conselhos na Itália, terminou na véspera da Segunda Guerra Mundial. O movimento operário espanhol teve de enfrentar as consequências do fracasso destas três revoluções. Os ativistas que afirmam fazer parte do legado do bolchevismo devem começar por fazer um balanço dos fracassos da sua própria corrente.

Os anarco-sindicalistas espanhóis tiveram de enfrentar muitos inimigos e não tinham aliados. Franco, activamente apoiado por Hitler e Mussolini, bateu-lhes na cara. Mas eles foram atingidos nas costas por Estaline, que fez tudo para impedir o sucesso de uma revolução que ele não podia controlar. Eles também foram atingidos por um ângulo, pode-se dizer, pelos republicanos.

“Na Espanha, entre 1936 e 1939, o anarquista foi considerado tão perigoso que foi apropriado atirá-lo de ambos os lados - de fato, ele não só foi exposto, da frente, a espingardas alemãs e italianas, mas

¹ <https://monde-nouveau.net/rechArt.php?rub=48&art=681&memRech=afinidades%C2%B5%C2%B52008%C2%B52026&chxRub=NON>

também, nas costas, a balas russas de seus “aliados” comunistas.²”

A neutralidade da Frente Popular Francesa, que se recusou a fornecer as armas necessárias aos trabalhadores espanhóis, deve também ser tida em consideração. Por conseguinte, é já um milagre que os trabalhadores e camponeses espanhóis tenham podido durar três anos.

Anarquismo na Espanha

A Espanha foi uma terra onde o anarquismo manteve permanentemente sua presença desde o estabelecimento das seções do AIT pelos bakuninianos, praticamente sem interrupção até o golpe de Estado fascista de julho de 1936. O movimento libertário estava então presente sob a forma de uma organização de massas que desempenhou um papel decisivo na luta contra Franco. O movimento revolucionário dos trabalhadores, portanto, tinha 70 anos de experiência de luta e organização. Uma revolução operária e camponesa respondeu ao golpe fascista assumindo toda a economia, incluindo a agricultura, em áreas que não foram ocupadas pelos fascistas, ou seja, metade do país.

O anarco-sindicalismo espanhol incluiu uma grande parte do proletariado militante na Espanha. Foram os grupos de assalto da CNT e da FAI e, mais marginalmente, os do POUM, que quebraram a tentativa de golpe fascista de Franco em 19 de julho de 1936, tomaram o quartel, ocuparam pontos estratégicos e armaram a classe trabalhadora. Foi por iniciativa da CNT que a produção, tanto na indústria como na agricultura, pôde ser organizada, permitindo uma luta de três anos que acabou sendo perdida: mas permanece que a Espanha é o único caso histórico em que um proletariado organizado poderia quebrar as armas em suas mãos - temporariamente, certamente - a ascensão do fascismo.

O anarco-sindicalismo espanhol conseguiu organizar quase instantaneamente a produção industrial e agrícola socializada nas regiões onde se estabeleceu e que não caíram nas mãos dos franquistas, essencialmente: o Levante, a Catalunha (um dos principais centros industriais do noroeste) e Aragão onde, de uma população de 433.000 habitantes, na zona republicana, havia 200.000 agricultores agrupados em comunidades agrícolas. A UGT desempenhou um papel inegável nesse processo, como aliada da CNT, até que caiu sob o controle dos comunistas.

É através de anos de experiência de luta dentro da CNT que o proletariado tem sido capaz de estar materialmente e ideologicamente pronto para

² Stig Dagerman, “ L’anarchisme et moi ”, in La Dictature du chagrin, Agone, 2001 ; cité par Le Monde libertaire du 20-26 janvier 1994.

enfrentar esta situação. Os militantes anarco-sindicalistas espanhóis lembraram constantemente aos trabalhadores e camponeses que um dia eles teriam que lutar para defender seus interesses e a causa do socialismo, e que eles tinham que se organizar em seus sindicatos para assumir a produção por conta própria. E quando, por razões táticas e para não quebrar uma “unidade antifascista” que os outros componentes da República desprezaram descaradamente, a liderança do movimento libertário tentou desacelerar a coletivização da economia que a classe trabalhadora e o campesinato tinham posto em prática, os proletários espanhóis souberam ignorar essas injunções.

Na Espanha, foi apenas porque os militantes da CNT, muitas vezes apoiados pelos da UGT, conseguiram organizar rapidamente a produção industrial e agrícola em bases coletivistas e libertárias que o esforço de guerra foi sustentado por quase três anos - independentemente dos avatares militares desta guerra. Enquanto na Rússia os bolcheviques foram incapazes de resolver a contradição entre o campo e as cidades, na Espanha a maior parte da terra foi socializada, permitindo que as cidades fossem fornecidas. Sem a CNT, uma organização de massas de um milhão de membros, o fascismo teria se espalhado pela Espanha em julho de 1936. Nessa altura, os números comunistas eram insignificantes.

Sobre o POUM

O Partido dos Trabalhadores da Unificação Marxista é muito útil para a esquerda revolucionária não-Estalinista porque a sua existência serve para sobrevalorizar o papel da chamada esquerda revolucionária na revolução espanhola, incluindo os Trotskistas, que estão quase completamente ausentes dos acontecimentos.

Dizer, como Besancenot & Löwy fazem, que “o movimento de resistência contra o putsch franquista é liderado por aqueles da CNT, a organização anarquista, e os do POUM, o Partido dos Trabalhadores da Unificação Marxista”³ é sem dúvida formalmente correto, mas há uma lacuna na formulação.... Em julho de 1936, o POUM tinha 6.000 membros, enquanto a CNT tinha mais de um milhão.

É verdade que a adesão ao POUM aumentará para 30.000 membros em dezembro de 1936, principalmente na Catalunha e no País Valenciano. Mas a CNT vai aumentar para 1,5 milhões. Não se trata de negar a existência do POUM, mas de convidar mais reservas daqueles que estão tentando recuperar a história. É significativo que o capítulo sobre Afinidades Revolucionárias na Guerra Espanhola contenha 19 referências ao POUM e o mesmo número de referências à CNT.

³ *Affinités révolutionnaires*, p. 39

O POUM (Partido dos Trabalhadores da Unificação Marxista) foi fundado em Barcelona em 29 de setembro de 1935 pela fusão da Izquierda Comunista, um partido de origem trotskista, e do Bloco Operário e Camponês. Estas duas organizações vieram das divisões do Partido Comunista Estalinista de Espanha (PCE). Alguns membros da Izquierda Comunista não aceitaram a fusão com o Bloco Operário e Camponês, mas eram muito poucos em número para formar uma seção espanhola do Trotskista “Secretariado Internacional”.

Quando rebentou a guerra civil, algumas dezenas de trotskistas estrangeiros juntaram-se a eles e formaram uma seção chamada “bolchevique-leninista” em Barcelona, que só foi organizada pelo nome. Este grupo tentou afogar o POUM e suas milícias, mas seus militantes foram convidados a sair cada vez que eram descobertos. Depois de maio de 1937, os trotskistas presos criticaram seus colegas Pumaístas com o mesmo vigor com que Trotsky criticou o POUM e seu líder, Andreu Nin.

“Esta persistência [dos ataques trotskistas] pode ter uma explicação: os poumistas nunca perderam seu tempo nos bizantinismos que têm constantemente dividido o movimento trotskista, mas eles foram capazes de fazer o que este último nunca conseguiu: desafiar o estalinismo de uma maneira diferente que por palavras.”⁴

Victor Alba acrescenta que “Trotsky foi largamente responsável pela falta de influência e implantação do trotskismo em Espanha, porque os seus escritos sobre este país mostravam uma falta de conhecimento da realidade e um esquematismo surpreendente, mesmo em alguém tão dogmático como ele. Obcecado com a memória da Revolução Russa, ele aplicou sistematicamente o modelo russo à Espanha, o que, naturalmente, foi uma receita para o fracasso.”⁵

É evidente que os activistas da POUM teriam sido rapidamente “exterminados como ratos”, para usar a expressão de Victor Alba, se os sindicatos da CNT não lhes tivessem fornecido cartões de membro, admitindo-os nas suas fileiras para que pudessem trabalhar. “Foram as brigadas da CNT que salvaram muitos deles, admitindo-os entre os seus soldados e oficiais”⁶.

“Foi graças à acção de uma comissão especial e secreta da CNT,

⁴ Victor Alba, *Histoire du P.O.U.M.*, Éditions Champ libre, Paris, 1975, p. 303.

⁵ *Ibid.* p. 303.

⁶ *Ibid.*, pp. 312-313.

criada em meados de 1937 para localizar os desaparecidos e tentar retirá-los dos comunistas, que muitos fugiram das prisões destes últimos.”⁷

Para sobreviver - literalmente falando - os poumistas precisavam da ajuda da CNT, que não os impediu de criticá-la duramente (o que é um tributo indireto ao espírito de solidariedade e à ausência de sectarismo dos anarquistas).

Comunistas contra a revolução

Na perspectiva de um possível “debate” entre libertários e comunistas sobre a guerra civil espanhola, se tal coisa for possível, mesmo 80 anos depois, a primeira dificuldade será estabelecer a realidade dos fatos. Se não falarmos da mesma coisa e se não conseguirmos apurar os factos, nenhum debate é possível. No entanto, a realidade do anarquismo na Espanha tem sido amplamente obscurecida e distorcida pelos comunistas.

A segunda dificuldade será, sem dúvida, livrar-se dos clichés mitológicos. Se o trabalho das coletivizações industriais e agrícolas é parte do negócio da propaganda libertária sobre a Espanha - um negócio que seria uma pena esconder - os anarquistas estão talvez melhor equipados para questionar a atitude do aparelho de gestão do movimento libertário espanhol na condução dos acontecimentos do que os comunistas de todos os lados sobre a revolução russa.

Na verdade, o que é notável na história da guerra civil espanhola não é tanto a participação de alguns militantes da CNT no governo da Frente Popular, mas o fato de que, apesar dos excessos dos líderes anarquistas, a base do movimento continuou a implementar a coletivização da economia em grande escala. Este é um dos fatos mais marcantes que distingue dramaticamente a revolução espanhola da revolução russa, onde o poder bolchevique, incapaz de reanimar a economia, tentou precisamente reprimir qualquer iniciativa da classe trabalhadora. Quando, em 1917, a liderança do partido se opôs às suas teses de abril, Lenine ameaçou demitir-se, e o partido cedeu. Se algum líder da CNT tivesse tentado a mesma coisa, todos teriam rido. Esta é a principal diferença entre a Espanha e a Rússia.

Uma declaração de Dolores Ibarruri, a dirigente comunista, proferida vinte dias após a revolta proletária contra Franco, lança luz, em particular, sobre as relações que serão estabelecidas entre anarquistas e comunistas durante a guerra civil:

⁷ *Ibid.* p. 318.

“A revolução que está ocorrendo em nosso país é a revolução democrática burguesa que foi realizada há mais de um século em outros países como a França e nós comunistas somos os lutadores da linha de frente na luta contra as forças obscurantistas do passado.⁸”.

Assim, enquanto a CNT, às vezes apoiada, dependendo das circunstâncias, pela UGT, estabelece a coletivização da indústria, comércio e agricultura na metade da Espanha que Franco ainda não investiu, os comunistas vão apoiar a revolução burguesa e confiar nos estratos sociais opostos à coletivização, a fim de restaurar a ordem burguesa, em nome do antifascismo. Ordenarão que o general Líster e suas tropas destruam as comunidades agrícolas, ainda que na Espanha - e esta é outra diferença espetacular com a revolução russa - o campesinato tenha voluntariamente coletivizado a terra, continuado a fornecer alimentos às cidades, o que os bolcheviques se mostraram totalmente incapazes de fazer.

Seis meses depois da revolta contra Franco, outro líder comunista, Santiago Carillo, disse em um discurso:

“Estamos a lutar pela república democrática e não temos vergonha de o dizer. (...) lutamos por uma república democrática, e mais ainda, por uma república democrática e parlamentar ⁹.”

André Marty reconhece que algo de inusitado está a acontecer em Espanha relativamente à organização da economia. A coletivização realizada aparece em uma declaração que ele fez ao Comitê Central do FPC em sua reunião de 16 e 17 de outubro de 1936: afirma:

“Existem agora 18.000 fábricas e empresas em Espanha que são, não há palavra em francês para dizer que, “tomadas na mão” (é tradução) pelos trabalhadores. Eles não são requisitados, eles não são nacionalizados, eles são tomados na mão. ”

Você pode sentir que há uma sensação de mal-estar. Ele certamente não quer dizer que eles são coletivizados, nem quer dizer que os anarco-sindicalistas espanhóis estão por trás de tudo isso. Marty continua: “Agora, a grande maioria da indústria espanhola é controlada pelos trabalhadores. Não é uma questão de expropriação, mas de controle, é uma questão de medidas de guerra...” Mencionar a expropriação iria, naturalmente, contra a posição

⁸ Dolorès Ibarruri, Mundo obrero, 30 juillet 1930. Cité par Pierre Broué, La révolution espagnole – 1931-1939, Questions d'histoire Flammarion.

⁹ Santiago Carillo, discours à la conférence nationale de janvier 1937 des JSU, En marcha hacia la victoria. Cité par Pierre Broué, op. cit, p. 140.

dos comunistas espanhóis. Então não falamos sobre isso, mas quando “a grande maioria” da indústria de um país é controlada por trabalhadores, o que é, então? Como poderia a “grande maioria” dos trabalhadores espanhóis conseguir tal façanha?

Como apesar de tudo, o líder comunista não pode evacuar totalmente a presença de anarquistas na Espanha, ele joga uma pá: “Quanto aos anarquistas, eles querem nacionalizar até mesmo os cabeleireiros, obviamente isso é estúpido”¹⁰.

Em 22 de outubro de 1936, cinco dias após a declaração de Marty ao comitê central, a CNT e a UGT especificaram seus objetivos: expropriação dos grandes capitalistas, coletivização de suas empresas, manutenção de pequenos produtores ¹¹.

Marty fala três meses depois dos trabalhadores espanhóis se levantarem contra Franco. Em três meses conseguiram controlar “a grande maioria da indústria”, mas Marty não diz como o fizeram. É porque o Partido Comunista representa forças insignificantes. No início de 1936 tinha cerca de 3.000 membros e nas eleições da Frente Popular tinha 16 assentos de um total de 267 assentos para a esquerda 3. A título de comparação, a CNT tinha então 30.000 activistas na prisão, que foram libertados após as eleições. A CNT não deu instruções para se abster. É compreensível... A comparação das estatísticas entre as eleições de 1933 e 1936, em cidades como Saragoça e Barcelona, onde o anarquismo foi particularmente desenvolvido, mostra uma diminuição significativa na abstenção ¹²..

Tal como acontece com o partido bolchevique após a aquisição, o número de membros do Partido Comunista Espanhol aumentou consideravelmente: o relatório de José Diaz para o Comitê Central do Partido Comunista (março de 1937) indica que 76.700 agricultores e sharecroppers e 15.485 membros da burguesia se juntaram ao partido desde o início da Guerra Civil ¹³.....

¹⁰ Citado por Carlos Serrano, *L'enjeu espagnol. PCF et guerre d'Espagne*. Messidor-Éditions sociales, p. 65. Jacques Duclos, secretário-geral do Partido Comunista Francês, retomará esta história de “cabeleireiros” trinta anos mais tarde em um lamentável panfleto antianarquista publicado após as greves de maio de 1968, intitulado *Anarquistas de ontem e de hoje* (edições sociais), depois em um livro publicado em 1974 pela Plon: *Bakunin e Marx, sombra e luz*:

“Há cerca de trinta anos pudemos ver em ação os anarquistas espanhóis que causaram o maior dano à República Espanhola. Eles demonstravam com seus atos um total desconhecimento dos problemas econômicos, a nacionalização das pequenas lojas e dos salões de cabeleireiro constituindo para eles uma medida revolucionária de primeira grandeza.” (p. 19.)

¹¹ Cf. “Decret de collectivitzacions, conselleria d'economia, Generalitat de Catalunya, octubre 1936.” O decreto distingue “as empresas colectivizadas em que a responsabilidade da direcção cabe aos operários que a compõem, representados por um conselho de empresa” e “as empresas privadas, em que a direcção é da responsabilidade do proprietário ou do gestor com a colaboração e a supervisão do comité operário de controlo”.

¹² Cf. C.M. Lorenzo, *loc. cit.* p. 90.

Solidaridad obrera, o jornal diário da CNT, escreve (8 de Abril de 1937) que o PSUC (Partido Comunista) “organizou 18.000 comerciantes, artesãos e industriais na CEPIC, a federação catalã de pequenos comerciantes e industriais”. O PSUC permitiu que este último - muitos dos seus membros eram empregadores - aderisse à CGU catalã que controlava. Bollothen novamente, cita o comunista Jesus Hernández, que afirmou: “Vamos acabar com as tentações dos sindicatos e comitês para colocar o socialismo em prática”¹⁴. Em março de 1937 o Partido Comunista atingiu 250.000 membros. Não admira...

Dois fatores principais determinam a oposição irredutível entre libertários e comunistas espanhóis:

- A política da Internacional Comunista. Estaline está especialmente preocupado com o reforço das suas alianças ocidentais contra a Alemanha nazi. Por conseguinte, não quer isolar a URSS da França e da Grã-Bretanha a qualquer preço. Ele quer impedir que a Inglaterra e a França cheguem a acordo sobre as suas costas a todo o custo. No terreno, em Espanha, isto reflecte-se em declarações como a de Carillo:

“Nós lutamos sinceramente pela república democrática, porque sabemos que se cometêssemos o erro de lutar agora pela revolução socialista em nosso país - e mesmo por um período relativamente distante após a vitória - daríamos vitória ao fascismo; veríamos em nosso país não apenas os invasores fascistas, mas, ao seu lado, os governos burgueses democráticos do mundo, que já disseram explicitamente que na atual situação europeia eles não tolerariam uma ditadura do proletariado em nosso país”¹⁵.

A primeira observação que poderíamos fazer é que os libertários, hegemônicos na classe trabalhadora, não tinham intenção de estabelecer uma “ditadura do proletariado” e que, na data das observações de Carillo, já tinham posto em prática a coletivização da economia sem fazer “São Bartolomeu dos proprietários”, para usar as palavras de Proudhon.

A segunda observação é que ninguém poderia levar a sério o fato de que os comunistas poderiam ter renunciado ao estabelecimento da “ditadura do proletariado” na Espanha, se tivessem os meios para isso.

¹³ Bollothen Burnett, *La Révolution espagnole. La gauche et la lutte pour le pouvoir*, Paris, 1977, Ruedo ibérico.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ Citado por Pierre Broué, *La révolution espagnole – 1931-1939*, Questions d'histoire Flammarion, p. 140.

A terceira observação é que os “invasores fascistas” vieram de qualquer maneira, na forma do apoio que a Alemanha Nazista e a Itália Mussoliniana deram a Franco; quanto aos “governos democráticos burgueses do mundo”, sua intervenção também já era eficaz, na forma de não-intervenção. Assim, se cortarmos toda a parte irrelevante do argumento de Carillo, permanece o facto não dito: a revolução em Espanha não está na agenda da Internacional Comunista.

Uma revolução que os comunistas não controlam

Se a política do Komintern é a principal explicação para a atitude dos comunistas espanhóis, seria ingênuo imaginar que Estaline poderia por um momento ter desistido de desempenhar um papel no curso dos acontecimentos. No entanto, havia dois obstáculos: (a) uma revolução social estava ocorrendo que os comunistas não controlavam: ela tinha que ser liquidada; (b) a base social do Partido Comunista era insignificante em 1936, o marxismo, apesar dos esforços de Lafargue e Engels na época do AIT, nunca tinha conseguido combater a influência bakuniana; os comunistas, portanto, tiveram que construir uma base social, e isso só foi possível fora da classe trabalhadora.

Os comunistas espanhóis representavam pouco antes da guerra civil, e só podiam se desenvolver atraindo para eles os camponeses ricos que se opunham à coletivização, a pequena burguesia, muitos policiais, soldados. A espinha dorsal do movimento comunista espanhol, apoiado por Moscovo, ofereceu a sua experiência organizacional aos estratos sociais cujos interesses coincidiam, nessa altura, com os interesses políticos internacionais de Estaline. Este último não podia aceitar a ideia de uma revolução proletária que se desenvolve fora do seu controlo e sobre bases radicalmente diferentes da revolução russa. Ao participarem no governo e ao praticarem a nucleação das instâncias de poder, os comunistas adquiriram assim um poder desproporcionado em relação à sua base social.

O Partido Comunista condicionará o fornecimento de armas soviéticas aos seus homólogos políticos: nomeações para cargos no aparelho de Estado, etc. Constituirá uma base social nos segmentos da população que nem a CNT nem a UGT organizam. A defesa da propriedade privada será a pedra angular da sua política. Toda a actividade do Partido Comunista Espanhol centrou-se na liquidação de todos os ganhos revolucionários que a classe trabalhadora tinha implementado.

Investido no aparelho do poder, um ostensivo defensor da propriedade e da ordem republicana, o Partido Comunista viu o seu número aumentar, mas

foi um aumento cujo carácter circunstancial apareceria mais tarde, durante a derrota.

Os comunistas, apoiados pela pequena burguesia nacionalista catalã, se manifestaram abertamente contra as coletivizações - o que é um paradoxo curioso, sabendo que na Rússia tinham imposto a coletivização forçada da agricultura com a mais incrível violência, matando milhões de pessoas...

Antifascismo ou revolução?

A revolução espanhola não foi a revolução russa. Esta última pode ser considerada como a última revolução do século XIX em termos dos meios técnicos utilizados. A revolução espanhola foi a primeira do século XX, com o uso de veículos blindados, aviação, etc. Era o campo de treino de Hitler para a Alemanha de Hitler na Segunda Guerra Mundial.

Na Rússia, em 1917, após três anos de uma guerra terrível, o Estado estava em total decadência, todas as forças sociais contrárias à revolução estavam em estado de dissolução. Foi esta situação que permitiu que um pequeno grupo de homens - alguns milhares em 1917 - tomassem o poder. O grau extremo de organização e disciplina deste pequeno grupo de homens sozinho não pode explicar a eficácia da sua acção, o que não prejudica o génio estratégico de Lenine, pelo menos não no início.

A sociedade espanhola não tinha este carácter deliquesciente. As forças sociais envolvidas eram complexas, caracterizadas e enraizadas no seu modo de vida. A burguesia espanhola, e em particular a burguesia catalã, era poderosa e influente. A burguesia da Terra também. Muitas classes intermediárias atuaram como amortecedores e abraçaram as idéias da classe dominante, tanto mais que temiam a proletarianização. Tal situação não existia na Rússia.

A revolução russa ocorreu em um momento de colapso geral, quando as potências internacionais capazes de combatê-la se esgotaram por quatro anos de uma terrível guerra. A revolução espanhola, por outro lado, teve lugar durante um período de crescente reacção - o nazismo na Alemanha, o fascismo mussoliniano, que apoiou plenamente o fascismo espanhol com as suas armas.

Pode-se criticar a CNT e a FAI por não terem “tomado o poder” na Espanha, ou pelo menos na parte que não foi ocupada por Franco. Tratou-se de uma decisão política que pode ser lamentada, desde que o ambiente internacional não fosse tido em conta; militarmente, tal teria sido possível, como o demonstra o esmagamento, pelos anarquistas, de três corpos do exército comunista, em Março de 1939. Em 2 de março, Negrín fez um verdadeiro golpe de Estado e colocou os comunistas em todos os principais

comandos militares. A CNT decidiu então liquidar as suas contas com o estalinismo.

“A batalha começou no dia 5 de Março, ao amanhecer, entre o corpo de comando dos comunistas I, II e III e o corpo de controlo libertário IV, sob o comando de Cipriano Mera. Só terminou a 12 de Março com a derrota dos comunistas. Vários milhares de homens pagaram com as suas vidas por este confronto.”¹⁶

O IV Corpo de Mera tinha 150.000 homens, os três do exército comunista 350.000. De acordo com testemunhos de antigos camaradas que viveram os acontecimentos, todos os oficiais comunistas acima da patente de sargento foram executados. A Mera não confirma este facto no seu livro. O Estado-Maior General do Partido Comunista, liderado por Dolores Ibarruri, fugiu de avião no dia 7 de Março, no meio da batalha. Quando conheci Cipriano Mera no início dos anos 70, eu era um menino branco e ele era um homem velho, mas ele permaneceu impressionante em sua presença. Era um daqueles militantes espanhóis que mal falavam francês, mesmo quarenta anos mais tarde, e que tinham organizado toda a sua vida num hipotético regresso a Espanha para retomar a luta. Apenas uma minoria de militantes da CNT tinha decidido integrar-se no movimento operário francês e liderar a sua luta sindical. A maioria dos anarco-sindicalistas espanhóis viu o movimento sindical francês com alguma ironia. Cipriano Mera morreu em Paris em 1975, algumas semanas antes de Franco.

Isto mostra que, se os libertários tivessem decidido fazê-lo, poderiam facilmente ter liquidado os comunistas em 37 de maio, no momento da troca telefônica de Barcelona, ou em agosto, quando Lister começou a destruir as comunidades aragonesas.

A comissão regional catalã, em certa medida, teve razão quando disse que não precisava de eliminar as divisões anarquistas da frente. Em Maio de 1937, os milicianos de Barcelona e da região, os trabalhadores insurgentes, as comissões de defesa dos subúrbios teriam sido mais do que suficientes para fazer o trabalho. Mas a situação teria sido limitada à Catalunha, porque em Madrid a CNT não dominou. Um golpe de força significou uma guerra civil na guerra civil. A liderança da CNT não quis correr o risco de ficar sozinha contra três opositores, os fascistas, por um lado, os republicanos e os comunistas, por outro. Além disso, especular sobre um fenómeno de formação da classe trabalhadora espanhola que, numa grande vaga de entusiasmo, teria apoiado os libertários catalães, era um risco que a

¹⁶ Cesar M. Lorenzo, *Les anarchistes espagnols et le pouvoir*, Le Seuil, 1969 p. 326. Cf. : Cipriano Mera, *Rivoluzione armata in Spagna. Memorie di un anarco-sindacalista*, La Fiaccola, 1978.

Confederação não queria correr. A Espanha terá entrado em vários blocos antagônicos, tornando-se uma presa fácil para os franquistas.

Helmut Wagner, o autor das Teses sobre o bolchevismo, foi um dos poucos marxistas revolucionários que foi capaz de ir além de um ponto de vista dogmático e ver o que estava acontecendo na realidade. Em abril de 1937, ele mencionou “a confusa situação internacional, que coloca os trabalhadores espanhóis em oposição ao resto do mundo”¹⁷. Altamente crítico do anarco-sindicalismo, ele escreveu em abril de 1937 que os trabalhadores espanhóis tiveram que aceitar armas estrangeiras “para salvar suas vidas”, o que, sob a pena de um ativista de extrema-esquerda, revela uma preocupação incomum com o parâmetro humano: “Os trabalhadores espanhóis não podem lutar eficazmente contra os sindicatos, pois isso levaria à falência total nas frentes militares. Eles não têm outra escolha: devem lutar contra os fascistas para salvar suas vidas; devem aceitar qualquer ajuda sem olhar de onde ela vem. Não se perguntam se o resultado dessa luta será o socialismo ou o capitalismo; só sabem que devem lutar até o fim.” Tal abordagem é bastante incomum entre os militantes desse movimento, que estão acostumados a aplicar uma análise dogmática baseada em algumas certezas imutáveis em todas as circunstâncias.

C. O Sr. Lorenzo provavelmente tem razão ao dizer que um “triunfo do anarquismo espanhol levando ao colapso da legalidade republicana teria certamente levado à formação de uma coalizão internacional contra ele, desde a União Soviética (abolição de toda ajuda em armas e munições) até Estados ocidentais democráticos (reconhecimento imediato do governo fascista, bloqueio econômico)¹⁸. ”O movimento operário internacional, e em particular o movimento operário francês, amplamente influenciado pelos estalinistas, apoiou uma revolução libertária na Espanha que se opôs aos comunistas espanhóis com armas?

Em suma, Carillo não estava errado quando disse: “Nós veríamos em nosso país não apenas os invasores fascistas, mas, ao seu lado, os governos burgueses democráticos do mundo.” Se a situação é mais ou menos a mesma, a diferença, e é significativa, está no fato de que a CNT e seus aliados - o POUM e, em alguns casos, a UGT - têm implementado transformações revolucionárias apesar da legalidade republicana, enquanto o Partido Comunista tem usado a legalidade republicana para liquidar essas transformações.

Não é porque a classe trabalhadora espanhola, por trás dos anarquistas, estava engajada na luta contra o fascismo que a revolução social falhou, é

¹⁷ “L’Anarchisme et la révolution espagnole”, juin 1937, in *La Contre-révolution bureaucratique*, 10/18, p. 217.

¹⁸ C. M. Lorenzo, *Les Anarchistes espagnols et le pouvoir*; éditions le Seuil, p. 267.

porque a própria existência do fascismo foi o sinal de que a revolução social já havia falhado. Não foi em 1936 que a revolução pôde ser realizada na Europa Ocidental, foi entre 1918 e 1922, e se foi necessário pedir contas, foi àqueles que tinham liquidado os movimentos revolucionários russo e alemão.

O antifascismo do proletariado espanhol não tinha qualquer motivo oculto, porque a vitória de Franco significou a sua morte, a sua eliminação física, não como categoria conceptual mas como seres de carne e osso, e foi isso que a vitória da rebelião de Franco representou: centenas de milhares de execuções. No entanto, a experiência da guerra civil espanhola mostra os limites do antifascismo revolucionário na medida em que envolve a participação em coalizões heteroclitas de entidades cujos objetivos são necessariamente diferentes, mesmo ao contrário dos da organização revolucionária, a constituição de alianças com partidos que sabemos que não vão jogar o jogo de forma justa. Estamos no caso típico da aliança não natural denunciada por Bakunin: "...uma aliança concluída entre dois partidos diferentes sempre se volta a favor do partido mais retrógrado; essa aliança necessariamente enfraquece o partido mais avançado, enfraquecendo, distorcendo seu programa, destruindo sua força moral, sua autoconfiança; enquanto que quando um partido retrógrado mente, ele sempre se encontra mais do que nunca em sua verdade ¹⁹".

Derrota e repressão militares

A derrota militar da revolução espanhola deveu-se à convergência de vários factores:

- Intervenção militar directa e imediata de alemães e italianos;
- Ajuda condicional da URSS: pagar rubis no prego pelo pequeno equipamento militar entregue, que deveria ser usado apenas por forças sob controle comunista. O Partido Comunista Espanhol era extremamente minoritário e tinha pouca presença na classe trabalhadora; portanto, era necessário pagar uma segunda vez, politicamente, deixando os homens do partido em posições-chave. Como resultado, a ECP torna-se uma força política artificialmente inflada, muitas vezes monopolizadora e desastrosamente utilizando material bélico - nem sempre em condições de funcionamento - pago pelo povo espanhol.
- A não intervenção das democracias ocidentais, cujo símbolo permaneceu Leon Blum, que sacrificou o povo espanhol para evitar uma guerra mundial, que de qualquer maneira aconteceu, e sobretudo para evitar a vitória de uma revolução.
- A estes três pontos pode-se acrescentar um quarto, as tentativas permanentes de sabotar a revolução pelos próprios democratas espanhóis.

¹⁹ Œuvres, *Écrit contre Marx*, Champ libre, III, 166.

Não houve uma única nação que lutou direta ou indiretamente contra a Espanha revolucionária: o México.

Como se pode adivinhar, houve muitos debates sobre as causas da derrota do movimento operário espanhol e da vitória do franquismo.

1. Os democratas afirmam que se o movimento operário não tivesse se levantado, a frente popular teria conquistado o apoio das democracias ocidentais. Com efeito, a experiência de Munique mostra que, se o movimento operário não tivesse aumentado, Franco teria ocupado instantaneamente toda a Espanha e é duvidoso que, no contexto do tempo, alguém tivesse intervindo para o desalojar.

2. Socialistas e comunistas em todos os países afirmam que a derrota militar se deveu à incapacidade organizacional, à indisciplina congênita dos anarco-sindicalistas. A realidade é bem diferente. Os anarco-sindicalistas, pelo contrário, provaram ser organizadores notáveis. Eles aplicaram um princípio simples: que uma revolução proletária deve melhorar imediatamente as condições de vida da população. Isto aconteceu tanto na agricultura, onde até mesmo muitos pequenos agricultores se juntaram às comunidades agrícolas porque a ajuda mútua facilitou o seu trabalho, como na indústria.

Gaston Leval recordou que os militantes da CNT espanhola, poucas horas depois do desarmamento dos soldados rebeldes em Barcelona, em julho de 1936, tiveram que encontrar algumas centenas de milhares de litros de leite fresco para alimentar as crianças da grande cidade, isso e muitas outras coisas. “Conseguiram fazê-lo”, continuou Gaston, “porque, desde a Internacional, há setenta anos, estavam se preparando para esse papel; tinham pensado antecipadamente nos canais de distribuição a serem estabelecidos, entre trabalhadores urbanos, agricultores rurais, ferroviários e de transporte”. O seu sindicalismo também foi usado para este fim.

Porque eles não pretendiam usar máquinas governamentais para organizar a sociedade socialista, os anarco-sindicalistas, ao contrário das várias escolas estatais, tiveram de tentar reunir em organizações revolucionárias as várias categorias de trabalhadores - pelo menos um número significativo deles – que produzem e distribuem bens e serviços.

3. A liderança da CNT - a organização havia crescido de um para dois milhões de membros durante a guerra – acreditava que uma vitória armada sobre os fascistas era a única condição para consolidar os primeiros ganhos revolucionários e estendê-los posteriormente. Portanto, participou da criação de divisões militarizadas para atender às demandas da situação e proporcionou, como organização de massas da classe trabalhadora e

camponesa, o maior contingente de homens, juntamente com a União Geral dos Trabalhadores, a organização sindical de uma tendência socialista. A CNT manteve esta linha apesar das provocações e traições dos comunistas e de alguns setores republicanos e socialistas unidos para destruir conquistas de autogestão. Ativistas do Partido Comunista Catalão, o PSUC, disseram a Ilya Ehrenburg em 1936: “Mais fascistas do que anarquistas”²⁰.

4. Outro tipo de crítica vem da extrema esquerda, especialmente a trotskista: os libertários espanhóis deveriam ter tomado o poder, travado uma guerra revolucionária e criado a classe operária residente na região franquista. Declararam também que, durante a Segunda Guerra Mundial, os proletários alemães deveriam ser chamados a revoltar-se contra Hitler.

Os libertários espanhóis levantaram o problema da revolta na zona franquista. Houve até mesmo tentativas de guerrilha, mas em geral se limitou a ações de inteligência e sabotagem. Os franquistas tinham também antecipado esta possibilidade: puseram em prática uma solução clara e brutal, uma “solução final” que consiste em eliminar maciça e sistematicamente todos os militantes e simpatizantes, estabelecendo um terror policial total sobre o resto da classe trabalhadora. Todos os homens e mulheres susceptíveis de apoiar uma guerra de guerrilha na zona franquista desapareceram nas primeiras semanas... e com eles qualquer tentativa de revolta nestas zonas.

Em abril de 1939, no final da Guerra Civil Espanhola, os derrotados foram essencialmente os trabalhadores, os militantes das organizações operárias da CNT e da UGT que haviam impedido o triunfo imediato do fascismo com armas, que formaram suas milícias e colunas para manter frentes militares contra o exército franquista e que realizaram as mais ricas experiências socioeconômicas para o futuro de uma sociedade emancipada.

No entanto, para a classe operária espanhola, a guerra não terminou em 1 de abril de 1939. Prosseguiu-se com a detenção de mulheres e homens em campos de concentração onde estavam lotados até 2 milhões de pessoas. Entre os campos mais conhecidos: Albatera, Los Almendros, Santa Eulália del Campo, San Marcos de Leon. Após o desmantelamento gradual dos campos de concentração, 300.000 espanhóis foram detidos nas prisões; 300.000 outros foram libertados em liberdade condicional. Meio milhão de espanhóis foram exilados, alguns pelo Norte de África, outros pela América e a maioria pela França, onde foram novamente estacionados pelas autoridades francesas em campos de concentração: alguns foram transferidos para

²⁰ *Odyssey Review*, New York, december 1962.

campos de extermínio nazistas: 8.000 mortos em Mauthausen, 40.000 foram devolvidos a Franco por Vichy²¹.

O jornalista inglês A.V. Philips estima que de março de 1939 a março de 1940 cerca de 100.000 pessoas foram executadas. Um historiador americano, Charles Foltz, escreve que, entre 1939 e 1944, 190.684 pessoas foram baleadas, uma figura obtida por um correspondente da Associated Press de um funcionário do Departamento de Justiça Francoista. A execução de 430 professores universitários e 6.000 professores corresponde à liquidação física de 50% do corpo docente. A estas figuras há que acrescentar a repressão exercida por Franco entre 1936 e 1939 na parte de Espanha ocupada pelos fascistas. Quando, em 1944, russos e americanos se decidiram pelo status quo da Espanha como recompensa por sua neutralidade durante a guerra, uma nova onda de repressão eclodiu.

Sumário

A HERANÇA ESPANHOLA.....	1
Extrato de <i>Afinidades não eletivas</i>	1
Anarquismo na Espanha.....	2
Sobre o POUM.....	3
Comunistas contra a revolução.....	5
Uma revolução que os comunistas não controlam.....	9
Antifascismo ou revolução?.....	10
Derrota e repressão militares.....	13

²¹ Após o armistício com os alemães, o governo francês retirou-se para a cidade de Vichy. Designa-se por "governo de Vichy" o governo fascista de colaboração com os nazis.